

A ARTE DA CAPOEIRA E SUA RELAÇÃO COM O TURISMO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE FURNAS DO DIONÍSIO, JARAGUARI-MS

Érica Letícia do Prado SOUZA ¹

ORCID – 000000016359641

Djanires Lageano NETO DE JESUS ²

ORCID – 0000-0002-1434-5080

Recebido em 15.04.2022

Aprovado em 30.10.2022

Resumo

O reconhecimento dos patrimônios culturais como atrativo turístico não é algo recente na sociedade contemporânea, sobretudo quando envolve a sua natureza imaterial como a arte da Capoeira, inserida nos espaços de representatividade das comunidades quilombolas brasileiras. A pesquisa que originou este texto objetivou compreender a importância da Capoeira, enquanto patrimônio imaterial, como expressão de identificação cultural e com possibilidade de conservação por meio do turismo, na comunidade quilombola de Furnas do Dionísio, localizada em Jaraguari, estado do Mato Grosso do Sul. Como metodologia, teve abordagem qualitativa e como procedimento técnico utilizou pesquisa bibliográfica (ADORNO, 2017; BRAYNER, 2007; CASTRO, 2008; DIAS, 2006; KÖHLER, 2007, 2019; VIEIRA, 2004) e documental (IPHAN, 2021, BRASIL, 2009, 2012, 2013, 2015) exploratória de campo com aplicação de entrevistas semiestruturadas com a participação espontânea da comunidade local e de governança que envolvem os quilombolas em questão. Para análise e interpretação dos dados coletados foi utilizada a História Oral (GUEDES-PINTO, 2002; MEIHY, 2006). Os resultados da pesquisa apontam que é factível a necessidade de revitalizar as manifestações culturais quilombolas na comunidade em estudo, incluindo a Capoeira como representação social, das expressões, dos conhecimentos e das lutas desenvolvidas de forma individual ou coletiva, além de ser um atrativo turístico de socialização com os visitantes locais.

Palavras-chave: Patrimônio Imaterial. Capoeira. Turismo. Identidade. Cultura.

¹ Bacharel em Turismo pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: erica.isoal@gmail.com

² Pós-Doutor em Educação. Doutor em Geografia; Graduado em Turismo; Pedagogia; e Administração. Professor Associado da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Brasil. E-mail: netoms@uems.br

THE ART OF CAPOEIRA AND ITS RELATIONSHIP WITH TOURISM IN THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF FURNAS DO DIONÍSIO, JARAGUARI-MS

Abstract

The recognition of cultural heritage as a tourist attraction is not something recent in contemporary society, especially when it involves its immaterial nature as the art of Capoeira, inserted in the representative spaces of Brazilian quilombola communities. The research that originated this text aimed to understand the importance of Capoeira, as intangible heritage, as an expression of cultural identification and with the possibility of conservation through tourism, in the quilombola community of Furnas do Dionísio, located in Jaraguari, state of Mato Grosso do Sul. As a methodology, it had a qualitative approach and as a technical procedure it used bibliographical (ADORNO, 2017; BRAYNER, 2007; CASTRO, 2008; DIAS, 2006; KÖHLER, 2007, 2019; VIEIRA, 2004) and documental (IPHAN, 2021, BRASIL, 2009) research, 2012, 2013, 2015) field exploratory with the application of semi-structured interviews with the spontaneous participation of the local community and governance involving the quilombolas in question. For analysis and interpretation of the collected data, Oral History was used (GUEDES-PINTO, 2002; MEIHY, 2006). The results of the research indicate that the need to revitalize the quilombola cultural manifestations in the community under study is feasible, including Capoeira as a social representation of expressions, knowledge and struggles developed individually or collectively, in addition to being a tourist attraction for socialization with local visitors.

Keywords: Intangible Heritage. Capoeira. Tourism. Identity. Culture.

1. INTRODUÇÃO

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito às práticas e domínios da vida social e manifestada em saberes, ofícios, comportamentos, modos de fazer, formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas, particularidades gastronômicas, danças, celebrações e lutas, realizadas em lugares como mercados, feiras, santuários, teatros, enfim, lugares que abrigam práticas culturais coletivas.

No cenário nacional, a Constituição Federal promulgada em 1988 (BRASIL, 1988) consolidou e ampliou a noção de Patrimônio Cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial, reconhecendo a inclusão, no patrimônio a ser preservado pelo Estado, em parceria com a sociedade, dos bens culturais que sejam referências dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

Nessa senda, estudos, como os de Brayner (2007), Castro (2008), Chagas (2003), Dias (2006) e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2014) possibilitam compreender que um Patrimônio Imaterial é transmitido de geração para geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para a promoção do respeito à diversidade cultural e a criatividade humana, assim como para o incremento turístico e econômico das sociedades.

São premissas que foram reconhecidas pela comunidade internacional em 2003, quando a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2003) e os países membros, celebraram em Paris a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (BRASIL, 2006), reconhecendo como Patrimônio Imaterial as práticas, as representações sociais, as expressões, os conhecimentos e técnicas, como objetos, artefatos, lugares culturais, como por exemplo as danças e as lutas que as comunidades, grupos ou indivíduos, reconheçam como parte integrante de seu patrimônio cultural. Disposições também ratificadas pelo Brasil, rompendo antigos paradigmas ideológicos que estabeleciam a percepção da primazia da preservação de bens materiais sob os imateriais, como forma de perpetuar a cultura de um povo ou de uma sociedade.

Contudo, apesar de em determinadas regiões brasileiras a Capoeira estar intrínseca na ancestralidade de determinada sociedade, como na comunidade quilombola ora em estudo de “Furnas do Dionísio”, localizada no município de Jaraguari, no estado de Mato Grosso do Sul, debates sobre a importância de se preservar bens materiais ou imateriais são recorrentes, principalmente sob o ponto de vista do turismo e os benefícios para o desenvolvimento regional e local, o que originou a seguinte problemática de estudo: *a Capoeira é reconhecida como patrimônio cultural imaterial na comunidade de Furnas do Dionísio em Jaraguari-MS e pode se tornar um dos elementos atrativos ao desenvolvimento do turismo local?*

Buscando as possíveis respostas à problemática central, a pesquisa que originou este texto objetivou compreender a importância da Capoeira, enquanto patrimônio imaterial, como expressão de identificação cultural e com possibilidade turística desta

comunidade quilombola. Assim, o texto foi dividido em três partes principais, primeiro apresentado um breve estudo sobre o papel do patrimônio cultural no processo de formação dos povos e das sociedades. Na segunda parte, foi abordada a diversidade cultural brasileira e seus elementos para desenvolvimento turístico. Por fim, a terceira parte, apresentando o locus central da pesquisa bem como a oralidade e identificação cultural da comunidade de Furnas do Dionísio.

2. A CAPOEIRA: UMA HERANÇA CULTURAL AFRO-BRASILEIRA

Ao longo das últimas décadas a Capoeira tem estado entre as mais diversas práticas culturais afro-brasileiras, destacando-se, de acordo com Oliveira (2009), como uma das mais importantes manifestações culturais. A trajetória histórica foi marcada por usos e abusos favoráveis ou dispendiosos a seus praticantes, devido aos longos períodos de sua criminalização.

De acordo com Adorno (2017), Vieira (2004), Oliveira (2009), Barros (2011) e Maton (2015), a Capoeira, apesar de apontada por alguns teóricos como uma expressão cultural genuína do Brasil, que surgiu como resistência à escravidão, é na verdade herança africana legada à cultura brasileira, arraigada nas comunidades quilombolas que se formaram nos períodos anterior e pós-abolição da escravatura. Até que em 1937, a interação de diversos intelectuais, brasileiros e estrangeiros, no sentido de promover debates e estudos sobre as manifestações culturais mundiais que contribuíam para a divulgação pública de saberes e culturas, possibilitou delimitar de forma sistemática o que era um culto, um rito, os fundamentos dessas práticas, contribuindo para que a sociedade e o Estado compreendessem e separassem por exemplo a Capoeira dos rituais e crenças, como Candomblé.

Debates que acabaram influenciando no repensar e em reformas normativas, principalmente no Código Penal, dentre elas a descriminalização da Capoeira. Entretanto, Oliveira (2009) atenta para o fato de que em 1930 o mestre “Bimba” já havia debatido sobre a possibilidade de se planejar e implementar essa arte como uma atividade esportiva, e outro fato, apontado pelo autor, que também contribuiu para a retirada da Capoeira citado no Código Penal brasileiro, foi uma apresentação que o mestre Bimba fez na Bahia, em 1937, para o então Presidente da República Getúlio Vargas.

Já na década de 1960, os capoeiristas Manoel Machado dos Reis, o mestre Bimba e Vicente Ferreira Pastinha foram os responsáveis pela disseminação da Capoeira no Brasil, inclusive o mestre Jelon Vieira foi o primeiro a sair do país para desenvolver um trabalho em Nova York (OLIVEIRA, 2009).

Desde 2000 o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) vem implementando ações no sentido de alinhar a política brasileira às recomendações para salvaguardar os Patrimônios Culturais Imateriais, e promover o desenvolvimento sustentável das regiões históricas brasileiras, inclusive por meio do turismo. Haja vista que, como descrito, o turismo tem forte relação com os patrimônios culturais, tanto com os materiais quanto com os imateriais, incluindo nestes a Capoeira, uma vez que também ocorre em centros históricos de cidades, comunidades, regiões, enfim, lugares onde a memória habita.

A Capoeira, considerada como um dos símbolos da cultura brasileira, foi reconhecida pela UNESCO, em 2014, na 9ª Sessão do Comitê Intergovernamental para a Salvaguarda de Patrimônios Históricos, realizada em Paris, como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Como detalha o poema de Mauro Duarte, apresentado na obra de Adorno (2017. p.06):

Dança guerreira Corpo do negro é de mola; Na Capoeira Negro embola e desembola; E a dança que era uma festa para o povo da terra; virou a principal defesa do negro na guerra; pelo que se chamou libertação; E por toda força, coragem e rebeldia; louvado será todo dia; que esse povo cantar e lembrar o jogo de Angola; Da escravidão no Brasil (Mauro Duarte/Paulo Cesar Pinheiro).

As origens da Capoeira se encontram no princípio da nação brasileira, e seu desenvolvimento segundo Vieira (2004) acompanhou o relacionamento cultural de negros, brancos e índios no continente americano, tomando-se elemento cultural e um importante símbolo brasileiro, principalmente para as comunidades quilombolas. De acordo com o estudo denominado “Programa Brasil Quilombola”, da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (2013) as comunidades quilombolas estão presentes em 24 estados da federação, com a maior parte estando localizada nos estados do Maranhão, Bahia, Pará, Minas Gerais e Pernambuco. Os estados do Acre, Roraima e Distrito Federal não registravam ocorrências destas comunidades até então (BRASIL, 2013).

Segundo este estudo, além dos quilombos constituídos no período da escravidão, muitos foram formados após a abolição formal da escravatura, onde essa forma de organização comunitária continuaria a ser, para muitos, a única possibilidade de viver em liberdade (BRASIL, 2013). Estes territórios, os quilombos, originaram-se em diferentes situações, como por exemplo por meio de doações de terras realizadas a partir da desagregação da lavoura de monoculturas, como a cana-de-açúcar e o algodão, compra de terras, terras que foram conquistadas por meio da prestação de serviços, inclusive de guerra, bem como áreas ocupadas por negros que fugiam da escravidão (VIEIRA, 2004; BRASIL, 2013).

A Capoeira é, portanto, uma prática cultural que associa dança, jogo, brincadeira, música, ginga e luta, e nos quilombos se tornou significativa na afirmação da identidade étnica dos grupos quilombolas, e como destaca Adorno (2017, p.3) um “[...] valioso contributo à formação da identidade cultural de vários povos”. Esse autor descreve ainda que é possível compreender a Capoeira como uma dança devido aos movimentos e a agilidade na expressão corporal, representando ideias, sentimentos, emoções, sensações, e também como um jogo, por ser uma síntese, um resumo dos movimentos empregados na dança, e ainda como uma luta, face a seus movimentos onde o balanço dos braços, o arremesso dos pés, o meneio do tronco e dos quadris, a harmonia de todo o corpo em gestos que segundo a autora não perdem a sua ancestralidade, utilizados para a defesa, proporcionando ativa resistência às mais variadas formas de dominação cultural e física (ADORNO, 2017).

3. FURNAS DO DIONÍSIO: UM CELEIRO CULTURAL SUL-MATO-GROSSENSE

Fundada por Dionísio Antônio Vieira por volta de 1901, que obteve o título definitivo das terras em meados de 1920, a Comunidade Quilombola Furnas do Dionísio, localizada no município de Jaraguari (figura 1), no estado de Mato Grosso do Sul, distante a 40 km da capital Campo Grande. Possui cerca de 100 (cem) famílias estabelecidas em uma área de 1.018, 2796 hectares, atuando em atividades agropecuárias, como o cultivo de cana de açúcar, mandioca, verduras, legumes, criação de pequenos animais, e na fabricação e comercialização de produtos como doces de sabores variados, como a rapadura, açúcar mascavo, farinha, para estabelecer sua segurança alimentar, além de proteger seus bens

culturais e preservar a identidade da comunidade (SOUZA E SCHLIECK, 2002; PEREIRA, 2019).

Figura 1 – Localização de Jaraguari e de Furnas do Dionísio



Fonte: Fabio Ayres (2021) baseado no IBGE (2021)

Em suas práticas culturais, Furnas do Dionísio mantém vive em sua cultura as danças como a Catira, o Engenho Novo, o Vilão, a Cobrinha, o Siriri, o Samba de Roda, e os poemas como o Piririca, a Ciranda, além da Capoeira, conservando também elementos culturais como os ligados a gastronomia e as festas religiosas e os festivais, como o Festival da Rapadura, a Festa de Santo Antônio e a Festa de Nossa Senhora Aparecida, como suas principais manifestações culturais locais (PEREIRA, 2019). Em 2016, por meio da Lei nº 4.936 o governo do estado reconheceu a Rapadura Artesanal e o Festival Anual da Rapadura de Furnas do Dionísio como Patrimônio Histórico e Cultural do estado (MATO GROSSO DO SUL, 2016).

No Festival da Rapadura de Furnas, são produzidos e comercializados produtos artesanais, comidas típicas como açúcar mascavo, melado, farinha de mandioca, polvilhos e doces, como as rapaduras, além de ocorrer apresentações com danças típicas, como a catira, a dança do engenho novo, a Capoeira, enfim, as manifestações do patrimônio cultural imaterial fomentando ainda o turismo local, ao mesmo tempo em que são conservadas as tradições e saberes (MATO GROSSO DO SUL, 2016).

Assim como os outros elementos que fazem parte do patrimônio cultural, a Capoeira possui uma estreita relação com a comunidade de Furnas do Dionísio, e diante da existência de registros sobre a sua prática cultural nesta comunidade quilombola, como na obra de Pereira (2019) intitulada “Quilombo do Cerrado – Memórias: Caderno Cultural de Furnas do Dionísio”, é possível que debates sejam organizados no sentido de promover ações que resgatem a Capoeira como patrimônio cultural, enquanto símbolo histórico de resistência e identidade de um povo.

Ou seja, mesmo que esta sociedade ou grupo conviva com outra nação ou esteja inserida em um ambiente que não seja o seu natural, suas práticas culturais irão gerar o sentimento de identidade e continuidade que contribuirá para diversidade cultural, que tanto contribui para a propagação e compartilhamento do conhecimento, dos valores, costumes e dos hábitos entre as nações e os mais diferentes povos (Assunção, 2017; Costa, 2001; Castro, 2008; Simão, 2015; Brasil, 2012).

No entanto, cabe ao poder público, por meio de suas instituições, órgãos e agentes, estaduais e municipais, que contribuam efetivamente no planejamento de políticas públicas, programas, projetos e ações, em conjunto com a sociedade, que possam de certa maneira potencializar a popularização e proteção dos bens históricos culturais imateriais. Buscando também o equilíbrio entre o reconhecimento e a preservação dos patrimônios culturais imateriais e o desenvolvimento econômico regional, por meio da integralização cultural.

Um exemplo de integração desses elementos é o projeto implementado no Quilombo Monte Alegre, no município de Cachoeiro do Itapemirim (ES), onde o Ministério do Turismo (Brasil, 2009), em conjunto com o Instituto Novas Fronteiras da Cooperação (INFC), organiza desde 2009 oficinas de gastronomia, teatro, artesanato, dança afro, maculelê, Capoeira de angola, corte e costura, no âmbito do Projeto Turismo Étnico Cultural e Ambiental de Monte Alegre, na perspectiva de fomentar o turismo, e ao mesmo tempo gerar renda, e promover o resgate da cultura e autoestima quilombola. Neste caso de Monte Alegre, considera-se como um modelo de gestão onde o turismo é vetor de desenvolvimento e de preservação de patrimônios culturais.

Se aproximando ao contexto sul-mato-grossense, desde 2003, a Lei nº 2.645/2003 (Mato Grosso do Sul, 2003), que reestrutura as políticas do Fundo de Investimentos Culturais (FIC) no Estado, busca estimular a produção e difusão de projetos e

manifestações artístico-culturais em todos os municípios do estado, tendo como premissa prestar apoio financeiro a projetos culturais da comunidade, fomentando o mercado artístico e turístico, e diminuindo a distância do público com as mais diversas manifestações, tradições e valores da cultura (Mato Grosso do Sul, 2021).

Trazendo essa possibilidade para o contexto de Furnas do Dionísio algumas manifestações culturais como a dança do Engenho Novo e Capoeira são muito significativas, de acordo com as figuras 1 e 2 abaixo:

Figura 2 - Dança do Engenho Novo na comunidade



Fonte SILVA, D. S. (2018)

A dança do Engenho Novo é uma das manifestações culturais da comunidade. Essa dança é alusiva ao movimento do engenho e realizada em rodas. Os participantes dão os braços e não se soltam, o que representa o trabalho do engenho, mesmo com o cansaço e luta do povo local é uma maneira festiva e de trazer alegria para o povo que trabalhava o dia todo (Dados da pesquisa, 2021).

Figura 3 – Apresentação de Capoeira na comunidade



Fonte: SILVA, L. A. (2021)

Nas duas figuras é possível perceber a existência das manifestações culturais existentes na comunidade, no entanto existe um descompasso, quando é tratada a Capoeira. Na figura 2, a dança do Engenho Novo é realizada no pátio da escola com a participação ativa da comunidade, no entanto, quando se vê a Figura 3, percebe-se a participação exclusivamente externa à comunidade. Neste caso, um grupo de Capoeira que foi visitar Furnas no dia alusivo à consciência negra, sem a participação efetivamente da comunidade local.

No tocante a Capoeira, como elemento motivador do turismo cultural, a Superintendência do IPHAN no MS, em conjunto com o governo estadual, por meio da Fundação de Cultura da Prefeitura Municipal de Campo Grande, realizou de 2014 a 2018, na Capital, encontros estaduais de Salvaguarda da Capoeira no estado, promovidos pela Coordenação-Geral de Promoção e Sustentabilidade (CGPS), com o objetivo de compreender o panorama da Capoeira no Estado e criar propostas de ação e apoio aos grupos de detentores, a fim de reuni-las em um Plano de Salvaguarda, buscando assim propor projetos e mudanças que contribuam para o fortalecimento do reconhecimento dela como patrimônio cultural imaterial e turístico no estado.

4. METODOLOGIA

A pesquisa que originou este artigo, teve abordagem qualitativa, que serviu de bibliografia especializada, referente à temática em evidência. Foi desenvolvido o Estado da Arte, a partir da exploração de referências publicadas, entre essas livros, artigos, periódicos, documentos, bases normativas e legais, e outros materiais científicos produzidos. Entre as plataformas digitais consultadas destacamos a biblioteca virtual Scientific Electronic Library On Line (SCIELO), Portal de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), material digital disponível algumas instituições renomadas, como as Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), no Ministério do Turismo, no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e na Fundação Zumbi dos Palmares, conforme o quadro abaixo:

Quadro 1 – Principais referências da Capoeira

Importância e benefícios da Capoeira	Autores
Contribui para a formação cultural da sociedade	Leal e Borges (2013)
Fundamental para a construção de uma identidade nacional	Vituri e Brandileone (2019)
Garante a manutenção de hábitos, comportamentos e saberes	Pereira (2012)
Valorosa manifestação cultural	Oliveira (2009)
Símbolo da cultura brasileira	UNESCO (2014); Vieira (2004)
Prática cultural que associa dança, jogo, brincadeira, música, ginga e luta	Adorno (2017)
Ajuda no desenvolvimento psicomotor com reflexos na aprendizagem	Brito (2014)
Promove o desenvolvimento de carisma e respeito entre os participantes	Garcia (2017)

Fonte: Os autores (2021)

Além disso, optou-se pela pesquisa exploratória em campo utilizando entrevista com roteiro semiestruturado e após para análise e interpretação dos dados, optou-se pela História Oral. Para ocorrer esse método, de acordo com Guedes-Pinto (2002, p. 95) esse tipo de metodologia preocupa-se em auxiliar “[...] criar diversas possibilidades de manifestação para aqueles que são excluídos da história oficial, tanto a “tradicional” quanto a contemporânea, e que não possuem formas suficientemente fortes para o enfrentamento das injustiças sociais”. De forma complementar, Meihy (2006, p. 195) defende que “Durante todas as fases de execução da história oral temos um compromisso

com a transformação [...] Sem isso, aliás, não se tem história oral e sim o velho e consagrado uso de entrevistas de cunho testemunhal”.

As entrevistas foram realizadas entre os dias 10 e 30 de novembro de 2021 na comunidade quilombola em estudo, sendo previamente agendadas e realizadas de forma remota por meio de vídeo chamadas através do aplicativo WhatsApp e do Google Meet e, quando foi possível, in loco, na oportunidade da realização de um projeto de extensão presencial com integrantes do curso de Turismo da UEMS, sempre respeitando os protocolos de biossegurança diante do cenário pandêmico da COVID-19.

Foram selecionados 5 (cinco) entrevistados, escolhidos de forma aleatória simples e por conveniência, tendo como critério de inclusão ter uma relação direta com a comunidade local, sendo esses: uma professora de Educação Física, Vereadora de Jaraguari-MS e pertencente a comunidade; o Diretor da Escola Estadual Zumbi dos Palmares localizada dentro de Furnas; a Diretora de Turismo da cidade de Jaraguari-MS que também possui residência na comunidade; a representante da Associação de Moradores e tataraneta de Dionísio Antônio Vieira, fundador da comunidade Furnas; e por último, uma professora da escola Zumbi dos Palmares responsável pelo planejamento e organização de projetos sociais e culturais de Furnas e também tataraneta de Dionísio.

Apesar dos participantes concordarem com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os depoimentos que serão apresentados terão suas identidades preservadas. Sendo para tanto utilizada a expressão “Respondente (R)” seguindo a ordem: “R1” para se referir a professora de Educação Física e Vereadora de Jaraguari-MS; “R2” para o Diretor da Escola Estadual Zumbi dos Palmares; “R3” para a Diretora de Turismo da cidade de Jaraguari-MS; “R4” para a representante da Associação de Moradores; e “R5” para a professora responsável pela organização e execução de projetos sociais na comunidade.

5. RESULTADOS

Quando os entrevistados foram questionados se *tinham conhecimento sobre as raízes históricas de Furnas do Dionísio e quais manifestações culturais da comunidade conhecem e/ou participam*, todos os participantes afirmaram conhecer a história do surgimento de Furnas do Dionísio, incluindo os elementos e atrativos que fazem parte da

cultura local, que de acordo com os respondentes, a “R1” salienta que “[...] As manifestações culturais que eu conheço é a Catira, rodas de canto, as rodas de música que eram feitas antigamente e até hoje alguns idosos, algumas pessoas da comunidade usam, e o Engenho Novo” (R1, DADOS DA PESQUISA, 2021). Complementando, a entrevista “R4” afirma:

Aqui na nossa comunidade temos várias manifestações culturais, temos a festa do padroeiro de Santo Antônio, que é a festa religiosa, temos também a festa da Consciência Negra, que é da comunidade, nós temos um que é um dos principais da nossa comunidade, que tem sido de bastante destaque da nossa comunidade que é o Festival da Rapadura (R4, DADOS DA PESQUISA, 2021).

Analisando os dois depoimentos acima é possível perceber a existência das festas, eventos e feiras, como o Festival da Rapadura, as feiras de artesanato, a celebração da Nossa Senhora Aparecida, as rodas de cânticos e os poemas, como elementos culturais. Os entrevistados afirmaram que tais eventos são amplamente divulgados com o objetivo de propagação da história local, inclusive para que as futuras gerações reforcem a sua identidade cultural.

Entendimento compartilhado pela “R1”, ao afirmar que possui raízes descendentes em Furnas do Dionísio por parte dos avôs e morou no local por 27 anos, se ausentando somente para dar continuidade nos estudos, retornando após a conclusão do seu curso de graduação. Atualmente ela busca se envolver ativamente nos projetos e ações culturais na comunidade. A “R1” afirmou ainda ter conhecimento de vários elementos culturais que fazem parte das raízes de Furnas, como por exemplo, as danças e os cantos, como a Catira, os cantos de roda, o Engenho Novo, que atualmente é ensinado e apresentado na escola municipal.

Já o “R2”, afirmou que apesar de não possuir raízes afrodescendentes em Furnas do Dionísio, atua na Educação, há mais de 20 anos e sempre esteve em contato com as ações e projetos de manifestações culturais de Furnas. Com respeito a tais manifestações ele afirmou: “As manifestações culturais que eu conheço da comunidade é o próprio trabalho desenvolvido com produtos voltados a hortaliças, a rapadura, a produção de farinha, e também as danças típicas como Engenho Novo e as festas religiosas” (R2, DADOS DA PESQUISA, 2021). Nesse discurso, ele reforça o seu engajamento e respeito a alteridade do povo local.

Nesse contexto, Laraia (2001), reforça que a cultura nasce na essência das relações humanas, onde os hábitos e comportamentos, surgidos das necessidades e perspectivas, que acompanham o homem desde que ele nasce, evoluem na medida em que ocorre as transformações sociais, e depois podem continuar como tradições que retratam a história de um determinado local ou de um povo. É possível compreender, portanto, que essa curiosidade tem levado o homem contemporâneo a continuar conhecendo novas culturas, novas sociedades, novos hábitos, costumes, crenças e saberes.

Observando a fala da “R5”, tataraneta do fundador da comunidade, relatou que ao longo de sua carreira docente ensinou as crianças e jovens da escola na qual lecionava sobre as danças que fazem parte da cultura de Furnas, como por exemplo a dança do Engenho Novo e a Catira, e com o tempo chegou-se a organizar um grupo de dança para realizar apresentações em outras escolas e regiões. Contando um pouco de sua experiência, ela afirma:

Por exemplo, a dança do Engenho Novo, quando eu comecei a trabalhar aqui na escola Estadual de Zumbi dos Palmares eu iniciei junto com meus alunos a dança do Engenho Novo. Depois disso todos, inclusive algumas das minhas alunas, resolveram encabeçar essas danças e saem para fazer apresentações em outras escolas, e também tem outras danças, como a dança da Catira que também é praticada pela comunidade (R5, DADOS DA PESQUISA, 2021).

Quanto a importância deste compartilhamento para a manutenção e preservação da identidade cultural de um povo, Colasante (2010) explica que na maioria das vezes, de uma forma até que natural, os bens culturais que uma determinada sociedade possui, por estarem tão incorporados ao dia a dia da população pode fazer com que ela acabe não reconhecendo ou tenha dificuldade em identificar seu valor histórico e cultural. Mas quando estas ações e projetos são bem pensados, planejados, organizados, oportuniza que as tradições, os saberes, as práticas, as manifestações artísticas, sejam reconhecidas como patrimônio cultural, seja material ou imaterial.

Leal e Borges (2013) lembram que existe uma estreita interdependência entre o Patrimônio Cultural Imaterial e o Patrimônio Material e Natural, o que faz com que as tradições de uma determinada comunidade, como Furnas de Dionísio, as manifestações artísticas, as práticas sociais, os rituais e os atos afetivos, os conhecimentos e práticas, inclusive os relacionados à natureza, as técnicas artesanais, os pratos típicos, acabem

contribuindo para a identificação da identidade cultural de um povo ou de uma determinada região.

No tocante a identidade cultural de uma sociedade ou comunidade, quando os entrevistados foram perguntados sobre *qual manifestação cultural mais representa a cultura de Furnas do Dionísio e se eles têm conhecimento sobre projetos culturais e turísticos desenvolvidos na localidade*, a “R1” afirmou: “Hoje a manifestação cultural que mais representa Furnas do Dionísio é o Engenho Novo[...] Eu vejo que o Engenho Novo é um traço único dessa comunidade, onde começa das crianças até os idosos” (DADOS DA PESQUISA, 2021). Já o “R3” incluiu a Catira neste contexto ao dizer:

Acho que a manifestação cultural que mais representa a comunidade é a dança da Catira que eles fazem, a apresentação do Engenho Novo e o Ofertório. É uma dança típica de dentro da comunidade, todas as vezes que tem eventos dentro da comunidade eles fazem essa apresentação, é uma dança bem bonita, então, isso representa muito a comunidade (R3, Dados da Pesquisa, 2021).

Complementando os recursos culturais locais, o “R2” ao destacar as produções artesanais, em específico a rapadura, afirmou “A manifestação que mais expressa, caracteriza Furnas do Dionísio hoje é a questão da produção artesanal principalmente da rapadura, então, essa é uma manifestação cultural mais, podemos dizer assim, que está evidente em Furnas do Dionísio” (DADOS DA PESQUISA, 2021). Compartilhando dessa mesma opinião, a “R4” também destaca a produção artesanal da rapadura e o Festival da Rapadura como os elementos ou manifestações que mais identificam a base cultural de Furnas do Dionísio ao afirmar:

Na minha opinião o que mais nos representa hoje foi esse Festival da Rapadura. Esse Festival da Rapadura hoje foi um grande destaque para nossa comunidade e de grande valia para cada um de nós[...] Muitas pessoas têm vindo de fora aqui para conhecer nossos produtos” (R4, DADOS DA PESQUISA, 2021).

Como destaca Laraia (2001), ao afirmar que o ser humano sempre se preocupou com a diversidade de comportamentos existentes entre os diferentes povos, uma vez que era através da curiosidade sobre os hábitos, as crenças e os costumes, que ele conhecia novos grupos, nações e culturas.

Nessa diapasão, surge o turismo na comunidade local, como um segmento de mercado que visa ampliar as experiências sensoriais dos visitantes em suas manifestações culturais assim como contemplação dos recursos naturais existentes em

Furnas. E, referente aos projetos turísticos que envolvem a comunidade local o “R2”, diretor da escola Zumbi dos Palmares, afirmou:

Eu tenho sim conhecimento de muitas atividades que estão voltadas hoje na questão principalmente do turismo. Nós temos cursos hoje que a UEMS está trabalhando, desenvolvendo dentro da comunidade para poder capacitar as pessoas a se tornarem realmente pessoas envolvidas com o turismo e aptas para trabalhar com o turismo (R2, DADOS DA PESQUISA, 2021).

Falando ainda a respeito das atrações turísticas existentes no local, ele relata que: “A própria comunidade a muitos anos que vem se preparando e já vem desenvolvendo o turismo comunitário, turismo rural, turismo de trilhas, turismo em que traz principalmente a questão da comida típica da comunidade” (R2, DADOS DA PESQUISA, 2021). Reforçando esse envolvimento da comunidade a “R4” afirma que “[...] no turismo temos hoje o nosso curso do monitor de turismo que está sendo desenvolvido na comunidade pela UEMS, para estar capacitando os jovens da comunidade para estarem trabalhando nessa área” (DADOS DA PESQUISA, 2021).

Contribuindo com esse assunto, o “R5” revela que:

O turismo sempre aconteceu, mas, estava de forma desordenada, hoje o turismo já está acontecendo de forma mais organizada. Existe hoje aqui uma trilha, tenho um parente que trabalha com trilhas, ele lá nesse local serve almoço, leva as pessoas para o banho de cachoeira [...]. Existe também a sede da associação que tem restaurante, que além de vender a rapadura, os produtos que eles fazem aqui, também se você combinar, marcar horário, dia, tudo pode ser preparado para receberem as pessoas. Então, o turismo já está acontecendo (R5, DADOS DA PESQUISA, 2021).

O que se percebe nos movimentos da comunidade quilombola é uma inclinação para o fomento do Turismo de Base Comunitária (TBC), entendido como um modelo que objetiva o desenvolvimento socioeconômico aliado à conservação da natureza em regiões, municípios e sítios de visitação, ou seja, de acordo com Fabrino, et al (2016, p. 174), é “centrado nos recursos (humanos, naturais e de infraestrutura) endógenos de determinada localidade”.

E a atratividade principal da comunidade está voltada ao segmento de turismo de experiência emerge exatamente do vazio existencial que as pessoas sentem a partir da reflexão sobre seu modo de vida, muitas vezes monótono, e então procuram alguma atividade que traga acima da satisfação pessoal, a reflexão e a mudança comportamental (PANOSSO NETTO; GAETA, 2010).

Na sequência, quando os entrevistados foram perguntados se *conheciam a Capoeira e se achavam que ela poderia fazer parte da identidade cultural e turística de Furnas do Dionísio*, os entrevistados afirmaram conhecer a Capoeira como uma manifestação cultural típica das comunidades quilombolas, inclusive de Furnas do Dionísio, e declararam que já assistiram várias apresentações na comunidade, nas festas e eventos, nas escolas e na associação dos moradores durante as feiras. Assim como destaca a “R1”: “Eu conheço muito bem a capoeira [...] Eu e minha irmã mais velha quando a gente tinha em torno de 7 ou 8 anos, a capoeira era realizada na escola Zumbi dos Palmares e a gente saía de 3 a 4 quilômetros a cavalo para estar praticando essa arte” (DADOS DA PESQUISA, 2021). Ou seja:

A capoeira é parte da identidade cultural de Furnas do Dionísio, só que através das raízes e talvez do avanço da tecnologia isso meio que deixou de existir dentro comunidade. Pessoas que também sabem jogar capoeira para estar nos ensinando, para estar ensinando as crianças, eu vejo essa grande dificuldade (R1, DADOS DA PESQUISA, 2021).

Como a Capoeira, que está intrínseca na ancestralidade de regiões e sociedades brasileiras, como na comunidade quilombola de Furnas do Dionísio em Jaraguari-MS, importante elemento cultural que desperta o interesse no estudo sobre sua importância enquanto patrimônio histórico imaterial e sob o ponto de vista do turismo. Com esse testemunho da “R1”, os projetos voltados ao ensino da Capoeira na comunidade podem contribuir para que a raiz histórica de Furnas do Dionísio não desapareça, ou seja, “a capoeira pode contribuir para o desenvolvimento, para a coordenação motora das crianças, para a socialização, para o desenvolvimento como um todo da comunidade” (R1, DADOS DA PESQUISA, 2021).

De forma síncrona, o “R2” entende também que a Capoeira pode representar a identidade cultural de Furnas do Dionísio, e ainda por estar ligada as suas raízes sociais, como defende:

A capoeira faz parte da questão cultural da Furnas do Dionísio porque a capoeira é uma manifestação de resistência, manifestação de busca pela igualdade, busca pelo respeito do direito, porque todos os povos têm que lutar para que todos os direitos sejam respeitados (R2, DADOS DA PESQUISA, 2021).

Com esse depoimento, sugere-se que aconteçam mais ações na comunidade, para que essa prática cultural não desapareça por completo. E, de acordo com os relatos dos participantes já houve várias vezes apresentações da Capoeira em Furnas do Dionísio,

inclusive, já tiveram professores desenvolvendo tais ações no ambiente escolar e que poderiam ser retomadas, caso a comunidade entendesse à sua importância sociocultural.

Da mesma forma que revitaliza a ancestralidade dessa arte no contexto diário da comunidade, é possível aproveitar a Capoeira como atrativo turístico, inclusive referendado pela entrevistada “R3”:

Eu acho que a capoeira pode fazer parte da identidade cultural e turística da comunidade quilombola de Furnas de Dionísio, tanto é que nós recebemos muitos visitantes no final de semana e eu sempre peço para eles estarem inserindo essas danças, apresentação de capoeira, apresentação do Engenho Novo, apresentação de como se faz a cana-de-açúcar para estar agregando mais ao conhecimento desses turistas que vão para dentro comunidade, para estar conhecendo como é o dia-a-dia dessas pessoas que moram dentro da comunidade (R3, DADOS DA PESQUISA, 2021).

Com esse discurso, percebemos que existe um significado importante nessas manifestações culturais tanto por parte dos elementos histórico-culturais que elas representam como também atratividade turística local. Inclusive, dentro os benefícios dessa arte a R4 destaca que:

A Capoeira é fundamental, ela trabalha tanto o lado da defesa, quanto o lado da educação porque ela tem regras[...]. Eu acho fundamental ingressar a capoeira na cultura da nossa comunidade porque é um esporte que muitos da nossa comunidade não têm conhecimento, mas, muitos dos meninos que hoje já são adultos na comunidade tiveram a oportunidade de participar (R4, DADOS DA PESQUISA, 2021).

Apesar dos entrevistados na sua unanimidade, afirmarem conhecer a Capoeira e reconhecer a sua potencialidade histórica e cultural na perpetuação da identidade de Furnas do Dionísio, a percepção obtida nas entrevistas foi a de que sua prática está restrita aos eventos, festas e datas comemorativas, como por exemplo no Festival da Rapadura e na comemoração do “Dia da Consciência Negra”. No tocante a existência de projetos culturais, sociais e educacionais, existe um importante caminho a ser percorrido para ampliar a oferta, a organização, o planejamento e a implementação de atividades voltadas ao ensino da Capoeira, tanto nas escolas como na própria comunidade.

Nesse sentido, como entendem Leite (2011), Adorno (2017), Assunção (2017), Barros (2011), a história imaterial de uma sociedade, suas práticas, seus conhecimentos, seus hábitos e tradições, precisa ser protegida, compartilhada e transmitida entre as nações e gerações, porque assim ocorrerá o sentimento de pertencimento e de identidade, e as pessoas não deixarão sua história desaparecer. Nesse caso em especial,

tanto pelo viés cultural como pela interação turística, a comunidade de Furnas pode se beneficiar duplamente com a prática regular da arte da Capoeira, que junto com as demais representações culturais com a Catira, Engenho Novo e os eventos tradicionais, somam alternativas de desenvolvimento local.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados alcançados possibilitaram compreender que conservar e compartilhar as riquezas imateriais de um povo é manter viva sua identidade, sua história. E a maneira mais efetiva de isso ocorrer é através da cultura, dos saberes. E em um país como o Brasil, onde sua dimensão territorial proporciona a convivência com várias culturas e saberes, proteger patrimônios imateriais é tão importante quanto proteger bens materiais. Isso porque, como demonstrado neste texto, a identidade de uma sociedade não abrange somente arquiteturas e monumentos, mas também o folclore, as tradições, as línguas, as danças, as lutas, as festas e os pratos típicos, ou seja, elementos que de alguma forma podem contar sua história.

De acordo com as respostas dos entrevistados foi possível compreender que quando uma comunidade mantém o hábito de realizar ações como eventos, festas, feiras, encontros comunitários, para apresentar, divulgar, compartilhar seus saberes e práticas, suas crenças, sua vida, seus conhecimentos, ela está compartilhando seus traços, sua identidade, sua cultura com outras gerações e perpetuando assim sua história.

A comunidade de Furnas do Dionísio entende que a Capoeira pertence ao seu lastro cultural, como todo patrimônio imaterial que se consagra pelo saber, porém a sua prática com o tempo caiu em desuso na comunidade, restrita apenas nos eventos e festas locais. Atualmente, não há ninguém com formação especializada para ensinar essa arte na comunidade, entretanto, existe o consenso que essa prática pode incrementar a prática do turismo local.

Os achados nas entrevistas ratificaram a ideia de que Furnas é uma comunidade rica em valores, em história, em representatividade e que está empenhada para o desenvolvimento local por meio do Turismo de Base Comunitária e do Turismo de Experiência e, para tanto, tem como diferencial a sua gastronomia, cultura, hospitalidade

e belezas naturais, uma vez que cada uma das pessoas que ali vive demonstrou carregar em si sua força, luta e valores culturais.

Como já era sabido, este estudo bem como seus objetivos não pretendia ser esgotado, pelo contrário, abriu uma frente de projeções para futuras pesquisas acadêmicas, que auxiliam a comunidade local a reintroduzir a Capoeira, inclusive via projetos de extensão fomentados pelas universidades inseridas na comunidade, garantindo o respeito a alteridade desse povo, marcado pela luta e resistência cultural.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Camille. **A Arte da Capoeira**. Goiânia: Independent Publisher, 2017. Disponível em <https://www.amazon.com.br/arte-Capoeira-Camille-Adorno-ebook/dp/B077TH6L5W>. Acesso em: 10 jul. 2021.

ASSUNÇÃO, Paulo de. **Turismo cultural urbano**: preservação da identidade e desenvolvimento local. Artigo, 2017. Coletânea Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, em França e em Portugal. Centro de Estudos Geográficos, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017.

BARROS, Luiz Eduardo Pinto. **O processo histórico dos quilombos e o caso de Furnas de Dionísio**. Revista IDEAS Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, v.5, n. 1, p.274-291, 2011. Disponível em: <https://revistaideas.ufrj.br/ojs/index.php/ideas/article/view/105/104>. Acesso em: 10 jul. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 5.753, de 12 de abril de 2006**. Promulga a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, adotada em Paris, em 17 de outubro de 2003, e assinada em 3 de novembro de 2003. Brasília DF, 2006. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/D5753.htm. Acesso em: 15 mai. de 2021.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Caxambu, Angu de Banana, história, arte e natureza: atrativos turísticos da Comunidade Quilombola de Monte Alegre**. Artigo, 2009, 10f. Brasília DF: Ministério do Turismo. Disponível em <https://www.gov.br/turismo/pt-br>. Acesso em: 23 maio 2021.

BRASIL. Senado Federal. **Patrimônio Imaterial: disposições constitucionais e normas correlatas**. Bens Imateriais registrados. Organização: Flávia Lima e Alves. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012.

BRASIL. Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Programa Brasil Quilombola**. Brasília DF, 2013.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Capoeira desenvolve a cadeia de turismo na Bahia**. Artigo informativo, 2015, 15f. Brasília DF: Ministério do Turismo. Disponível em <https://www.gov.br/pt-br>. Acesso em: 20 maio 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília DF, 1988. Disponível em <https://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/viwTodos/509f2321d97cd2d203256b280052245a?OpenDocument&Highlight=1,constitui%C3%A7%C3%A3o&AutoFramed>. Acesso em: 14 abr. 2021.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Portaria MTUR nº 10, de 30 de março de 2021**. Dispõe sobre a aprovação do Plano Anual do Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) de 2021. Brasília DF, 2021. Disponível em <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-mtur-n-10-de-30-de-marco-de-2021-311664121>. Acesso em: 10 maio de 2021.

BRAYNER, Natália Guerra. **Patrimônio Cultural Imaterial**: para saber mais. Brasília, DF: IPHAN, 2007.

BRITO, Andreyson Calixto. **A influência da capoeira no desenvolvimento psicomotor de crianças**. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Ceará. Fortaleza CE, 2014.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de. **Patrimônio Imaterial no Brasil**. Organização Maria Cecília Londres Fonseca. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.

CHAGAS, Mario **Memória e Patrimônio**: Ensaios Contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

COLASANTE, Tatiana. **A relação entre patrimônio histórico-cultural e memória no município de Ortigueira-PR e sua potencialidade para o turismo**. Trabalho de Graduação em História. Universidade Estadual de Londrina (UEL). Londrina PR, 2010.

COSTA, Flávia Roberta. **Turismo cultural e comunicação interpretativa**: contribuição para uma proposta brasileira. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e Patrimônio Cultural**: recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006.

FABRINO, N. H. ET AL. (2016). Turismo de base comunitária: uma reflexão sobre seus conceitos e práticas. **Caderno virtual de turismo**. Rio de Janeiro, V. 16, N. 3, p. 172-190. Doi: <http://dx.doi.org/10.18472/cvt.16n3.2016.1178>

GARCIA, Marciano. **O benefício da capoeira na escola**. Trabalho de Conclusão de Curso de Educação Física. Centro Universitário UNIFACVEST. Recife PE, 2017.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. **Rememorando trajetórias da professora-alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL-IPHAN.
Patrimônio Imaterial. Artigo 2014, 5f. Coleção Mapa do Patrimônio Cultural no Brasil. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/templates/portal/assets/img/logo-iphan.png>. Acesso em: 18 abr. 2021.

KÖHLER, André Fontan; DURAND, José Carlos Garcia. **Turismo cultural: conceituação, fontes de crescimento e tendências.** Revista Turismo - Visão e Ação - vol. 9 - n.2 p. 185-198, maio /ago. 2007.

KÖHLER, André Fontan. **Turismo Cultural: principais tipos segundo a motivação dos turistas.** Revista Ateliê do Turismo (ISSN: 2594-8407), Campo Grande, v. 3, n. 1. p.8-30, jan-jul 2019. Campo Grande MS, 2019.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar" Editora, 2001.

LEAL, Alessandra; BORGES, Maristela Correa. **Patrimônio Cultural Imaterial: leis e documentos.** Revista Caminhos de Geografia, v. 13, n. 44 Dez/2012 p. 221–234. Uberlândia, 2013.

LEITE, Edson. **Turismo cultural e patrimônio imaterial no Brasil.** São Paulo: INTERCOM, 2011.

MATO GROSSO DO SUL. **Lei nº 2.645, de 11 de julho de 2003.** Reorganiza o Fundo de Investimentos Culturais do Estado de Mato Grosso do Sul e dá outras providências. Diário Oficial nº 6.037, de 14 de julho de 2003. Disponível em <http://www.fundacaodecultura.ms.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/lei-n%c2%ba-2.645-de-11-de-julho-de-2003.pdf>. Acesso em: 20 maio de 2021.

MATO GROSSO DO SUL. **Lei nº 4.936, de 16 de novembro de 2016.** Declara como Patrimônio Histórico e Cultural do Estado de Mato Grosso do Sul a Rapadura Artesanal e o Festival Anual da Rapadura de Furnas do Dionísio. Mato Grosso do Sul, Ano XXXVIII, DOE nº 9.287, novembro/2016. Campo Grande, 2016.

MATON, Poliana Marques. **Capoeira de Quilombo: gingando corpos e tradição cultural.** 2015, 92f. Dissertação em Antropologia. Universidade Federal do Piauí – UFPI. Teresina, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. **Revista de História** 155 (2º - 2006), 191-203.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil.** Organização Josivaldo Pires de Oliveira, Luiz Augusto Pinheiro Leal. Salvador :EDUFBA, 2009.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA - UNESCO. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Outubro/2003, 16f. Paris. UNESCO. Disponível em <http://www.unesco.org/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA - UNESCO. **Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural**. 2014. Disponível em <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>. Acesso em 10 de abril 2021.

PANOSSO NETTO, Alexandre; GAETA, C. (org.). **Turismo de experiência**. São Paulo: Ed Senac, 2010.

PEREIRA, Elizabeth da Silva. **Patrimônio Cultural Imaterial**: uma reflexão sobre o registro do bem cultural como forma de preservação. 2012, 23f. Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos. Universidade de São Paulo USP. São Paulo, 2012.

PEREIRA, Nilda da Silva. **Quilombo do Cerrado – Memórias**: Caderno Cultural de Furnas do Dionísio. Organização Lidiane Kasiorowski Borges, Greciane Martins de Oliveira, Gabriel Luís Pereira Nolasco, Eliane Aparecida Bittencourt. Instituto Brasileiro de Inovações Pró Sociedade Saudável Centro Oeste (IBISS/CO). Campo Grande MS: IBISS/CO, 2019. Disponível em <https://www.https://www.ibiss-co.org.br/>. Acesso em: 6 de junho de 2021.

SOUZA, Antônio Carlos Santana de; SCHLIECK Cleonice. **Comunidades Afro-brasileiras isoladas em Mato Grosso do Sul**: um estudo sociolinguístico dos quilombos de Tia Eva e Furnas do Dionísio. Artigo, 2002, 13f. Disponível em <https://livrozilla.com/doc/666943/comunidades-afro-brasileiras-isoladas-em-mato-grosso-d-o-sul>. Acesso em: 10 ago. 2021.

VIEIRA, Sergio Luiz de Souza. **Da Capoeira**: Como Patrimônio Cultural. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, 2004, 40f. Revista Sapientia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). São Paulo, 2004. Disponível em <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/4099>. Acesso em: 10 jul. 2021.

VITURI, Gabriel Vituri; BRANDILEONE, Carolina. **Patrimônio**. Artigo, 2019, 15f. Cadernos de Cidadania. SESC Memórias, ano 10, nº 15, São Paulo. São Paulo: SESC, 2019. Disponível em <http://sessp.gov.br>. Acesso em: 10 ago. 2021.